

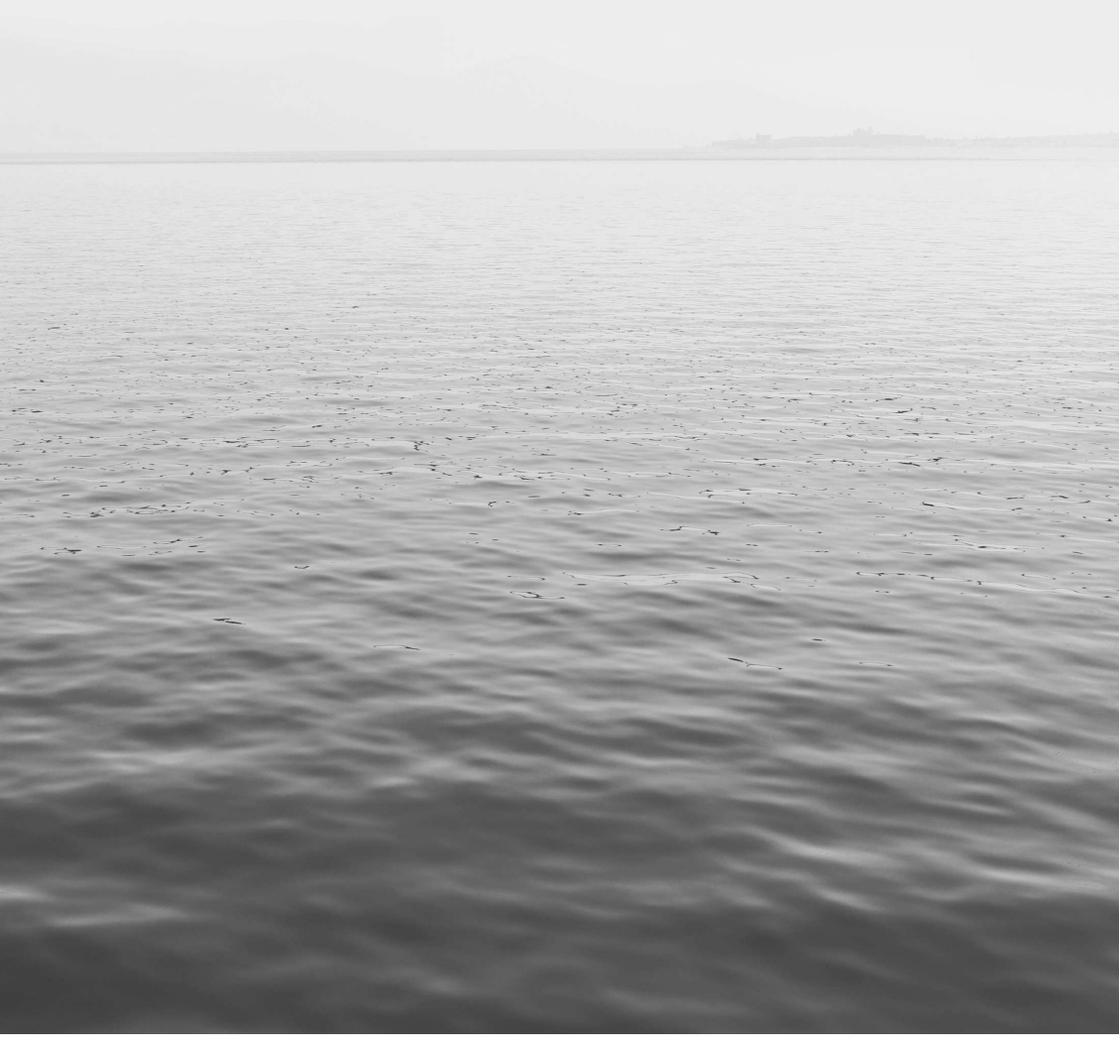
Não fui salvo. Nem queria ser. Há amores que se transformam em pedras, e eu aprendi a construir com elas a minha respiração debaixo de água.

ATÉ QUE A ÁGUA ME CUBRA O NARIZ

ANTONIO MARIA MATOS



Dedico este livro aos meus avós,
que me ensinaram a amar com verdade.



FICHA TÉCNICA

Título da obra: Até que a água me cubra o nariz

Autor: António Maria Matos

Editora: Telhados de Vidro

Composição, revisão e paginação: António Maria Matos

Conceito gráfico e tratamento estético: António Maria Matos

Formatação e montagem para impressão: António Maria Matos

Data de edição: Junho de 2025

Local: Portugal

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por quaisquer meios — gráficos, eletrónicos ou mecânicos — sem autorização expressa do autor.

Impressão independente.

Obra protegida pela alma de quem a escreveu.

PREFÁCIO

Sente — não apenas com os olhos, mas com a pele, com os ossos, com o silêncio entre cada batida do teu coração — sente a água que começa a invadir. Primeiro, como um sussurro; depois, inevitável; finalmente, um assalto total. Ela não espera. Não pergunta. Apenas sobe. Sobe para cobrir o teu nariz, para fechar o teu fôlego, para despir todas as máscaras que vestiste para o mundo.

Este livro é a tempestade que te arrasta para o abismo do próprio ser. António Maria Matos é o alarme que desperta o corpo adormecido, o espasmo violento que rompe o silêncio do que foi escondido, sufocado, negado.

Cada página é um choque, cada frase um corte aberto na carne da memória. Vais sentir o frio da água infiltrando-se nos teus pulmões, o sabor salgado das lágrimas que ainda não choraste, a pressão esmagadora de tudo o que guardaste — e que agora não pode ser mais contido.

Não te deixes enganar: esta não é uma leitura para passageiros passivos. É um convite urgente a mergulhar na escuridão mais íntima, a enfrentar os espectros que habitaram o teu peito e a emergir não ileso, mas vivo. Porque a verdadeira transformação só acontece quando te deixas afogar — para renascer em fôlego novo, em verdade nua e crua.

Aqui, não há atalhos. Não há salvação fácil. Há somente o desespero e a beleza da experiência humana em sua forma mais visceral, mais crua. E, no meio da tempestade, a certeza — que podes reconhecer a tua própria voz, fragmentada e inteira, e encontrar, finalmente, a coragem de te amar por completo.

Este é um grito lançado ao fundo do abismo — e ele espera por ti.

A água começou a subir. Prepara-te.

PRIMEIRO ESPASMO

A ÁGUA PELOS TORNOZELOS



A única estrada naquele deserto — um fio de poeira, cada vez mais magro, a perder-se no horizonte — era o que restava. E ele seguia. Os pés rasgavam o chão duro, ferindo-se, deixando um rasto que o vento haveria de apagar, como apaga sempre tudo o que dói devagar. A noite vinha, mansa e sufocante, a aproximar-se com o cuidado de um animal a preparar o bote. Não era apenas escuridão — era uma substância espessa, viva, a entranhar-se pelas frestas do corpo e do pensamento, como areia seca que se infiltra em tudo, sem pedir licença, sem aviso. E com ela vinham vozes. Vozes sem dono, trazidas pelo vento, restos de frases que não pertenciam a ninguém, como canções interrompidas ou lembranças de alguém que nunca chegou a existir. Não eram respostas. Eram ecos. E ele, por dentro, cheio de perguntas que ninguém parecia capaz de responder, seguia.

A mochila pesava como se ali dentro estivessem pedaços de quem tinha sido — bocados de infância, ossos daquilo que teve de abandonar cedo demais. Mas seguia, porque parar era morrer. E, mesmo sem saber onde ia, sabia que não podia voltar.

Tinha catorze anos. E já sabia o que era andar sem destino, o que era sentir que o mundo inteiro estava contra si e, ao mesmo tempo, que isso não importava. O que o movia não era coragem. Era outra coisa. Era ausência. Era excesso. Era o medo transbordado a tal ponto que já se confundia com vontade de continuar. Os pés dele não sabiam parar. Eram pés que não conheciam abrigo, mas sabiam o caminho da resistência. Pés de quem atravessa, mesmo sem saber nadar. Pés de quem sabe que há coisas que não se explicam, mas se vivem até ao fim. A tia, no batente da porta, segurava-se ao alumínio como se o corpo pudesse desfazer-se a qualquer momento. O rosto dela era uma ausência perpétua.

Uma sombra de tudo o que já tinha chorado, e os olhos, poços fundos, tremiam na luz do lampião que ainda não sabia se devia acender-se por inteiro. A pergunta veio-lhe à boca como um soluço contido, arranhada, ferida, quase inaudível.

— Tens a certeza, rapaz Tens? Olha que este frio... anda cá, sobrinho, anda cá.

Mas ele não parou. Não virou o rosto. Os passos ficaram mais duros, mais secos, como se cada batida no chão fosse uma negação do amor, uma recusa da infância. A mochila pesava como nunca, não pelo que levava, mas por tudo o que deixava. As lágrimas correram-lhe pela cara, mas foram limpas à pressa com a manga do casaco, com raiva, como se o choro fosse uma traição. A dor também se esconde, quando precisa. A cidade lá atrás apagava-se lentamente, como um sonho a dissolver-se em nevoeiro. A tia ficou ali, imóvel, como uma leoa ferida, daquelas que perderam tudo e ainda assim mantêm o corpo em pé, por respeito aos que partiram.

Ficou até os ruídos da rua morrerem, até a última janela se fechar, até o mundo inteiro parecer dormir — menos ela. E ele caminhava, sempre. Não sabia para onde, mas sabia porquê. Sabia que o tempo não espera pelos que hesitam. Sabia que há partidas que são mais verdadeiras que qualquer regresso. E que há silêncios que dizem: vai. Vai, mesmo sem saber voltar.

O banco de jardim onde António adormeceu não tinha cor. A madeira, gasta pelas estações, era cinzenta como o céu que o cobria.

Encostou-se ali depois de horas a andar, como quem se entrega a um cansaço, como quem regressa a um lugar que nunca foi seu, mas que o reconhece. O corpo tremia. As mãos escondidas nas mangas. O rosto virado para o lado, contra o frio.

Não havia cobertor, apenas o próprio corpo a tentar cobrir-se a si mesmo, como um animal que aprende a ser abrigado.

A garrafa de água vazia no chão. Um cão vadio deitado a poucos metros, de olhos semicerrados, como um irmão de silêncio. No ar, o som das folhas a correr com o vento. No peito, um aperto que não doía — pesava.

E, por entre o nevoeiro das memórias, veio-lhe a imagem de uma janela com cortinas de renda. Por trás do vidro, uma chávena a fumar. Um cheiro que quase lembrava casa.

Mas casa era uma palavra que se apaga rápido quando se dorme na rua. O corpo de António não pedia nada. Nem comida, nem afecto, nem salvação. Só um pouco de tempo. Só umas horas sem perguntas.

Havia no rosto dele uma coisa que os adultos tinham perdido: verdade. Verdade crua, áspera, a mesma que se encontra nos olhos dos que viram demais cedo demais. Era essa verdade que o mantinha vivo.

E a fome, já nem era física. Era maior. Era a fome de um nome dito com respeito. A fome de existir com dignidade.

Naquela noite, António ficou imóvel por horas, com o olhar preso num ponto qualquer do céu, como se esperasse que uma estrela lhe piscasse de volta. As estrelas estavam lá, frias e distantes, como fantasmas de luz. António perguntava-se se ainda existiam ou se eram apenas ecos de uma explosão antiga, uma mentira cintilante que o universo inventou para não sermos completamente sós.

Respirava devagar. O fôlego condensava-se no ar e pairava, quieto, como se não quisesse perturbar a cidade adormecida.

Debaixo das pálpebras vinham-lhe imagens soltas: os pés a correrem descalços no cimento quente, o cheiro do peixe no cabelo depois de ajudar o avô, a tia a chamá-lo da janela — Antóóóónio.

Lembrava-se das árvores no pátio da junta, tão velhas que parecia que guardavam todas as conversas da vila. Se encostasse o ouvido ao tronco, talvez ainda ouvisse a infância.

Mas ali, no presente, só o frio falava. E falava baixo, mas fundo. O banco tremia. Ele tremia. E mesmo assim não se mexia. Era como se todo o corpo tivesse entrado num estado de suspensão, uma forma de não desistir nem continuar, apenas esperar.

No fundo, era essa a sua especialidade: esperar. Esperar que alguém dissesse o nome dele com vontade. Esperar que uma porta se abrisse, que um abraço não doesse, que uma voz o reconhecesse no meio da multidão. Esperar que o mundo, um dia, parasse de o ignorar. E mesmo que não acontecesse, ele ficaria ali. Firme na espera. Porque às vezes resistir é isso: não fugir do frio.

António acordou sem saber se tinha dormido. O tempo, ali, não funcionava como nos outros lugares. Era mais espesso, mais lento, mais confuso. Levantou-se devagar, com o corpo dorido, como se cada osso tivesse envelhecido anos durante a noite.

Os dedos mal respondiam, rígidos, como madeira molhada. O cão já não estava. O banco estava mais frio do que o ar, como se tivesse guardado nele todos os silêncios da madrugada.

Deu dois passos e sentiu o estômago a lembrar-lhe da sua ausência. A fome, não era um vazio — era uma presença. Uma presença exigente, que tomava conta do pensamento, que fazia reflexo nos gestos, que se colava à respiração.

Procurou com os olhos algo que pudesse servir de alimento: um resto, uma sobra, qualquer coisa. Nada. Só lixo seco e vozes distantes a acordar nas janelas.

A cidade mexia-se devagar, espreguiçando os telhados, tossindo pelas chaminés, abrindo os olhos pelos autocarros. António não pertencia a essa coreografia. Ele movia-se por dentro de outro ritmo, um compasso subterrâneo que apenas os invisíveis conhecem.

Caminhou pela rua como quem não espera ser visto, mas ainda assim deseja sê-lo.

Passou por uma montra onde se viam sapatos brilhantes, todos alinhados, limpos. O reflexo mostrou-lhe o rosto — os olhos encovados, o cabelo desgrenhado, a pele gasta. Mas havia ali uma luz. Uma luz que não vinha de fora. Uma luz nascida da ferida. Porque às vezes é da dor que nasce a centelha. E ele, carregava essa centelha nos olhos.

Enquanto caminhava, António lembrava-se das mãos da avó a dobrar a roupa ainda quente, do modo como alisava cada dobra como se fosse uma promessa. Recordava o som da gaveta dos talheres a abrir, a faca a raspar na tábua de cortar cebolas, o cheiro do refogado a subir pelas paredes da casa — aquela casa onde o silêncio era uma língua de afecto. Na memória, tudo tinha textura: o avental às riscas, o pano de secar com nó na ponta, o fecho da mala do avô a estalar como um segredo ao contrário. Havia uma ternura nesses detalhes, uma ternura dura, discreta, que se escondia na rotina. António não sabia o que era ternura dita em voz alta, mas sabia reconhecê-la nas migalhas. E era delas que vivia.

Passou por uma senhora a varrer a entrada do prédio. Ela olhou-o por instantes, depois baixou os olhos. António já conhecia aquele olhar — o que olha e depois finge que não viu. Era um olhar que empurrava para fora, que dizia: não és daqui, não és de ninguém.

Continuou. Não havia raiva nele. Só cansaço. Cansaço de ser sempre a margem. Cansaço de ter de provar todos os dias que era mais do que a roupa que vestia, mais do que o chão onde dormia.

Mas mesmo com esse peso, havia nele qualquer coisa de vertical. Uma espécie de dignidade silenciosa, como uma vela acesa ao vento que nunca se apaga. António andava com a cabeça erguida, não por orgulho, mas porque era a única maneira de ver o céu.

A cidade ia acordando aos poucos, como um bicho grande e preguiçoso, cheio de olhos que não viam. Ant3nio passava entre os carros com cuidado, como se pedisse desculpa ao asfalto. J3 n3o sentia os p3s. Estavam ali, a lev3-lo, mas pareciam de outro corpo.

Entrou num beco onde ningu3m entrava. As paredes sujas contavam hist3rias em camadas de tinta: nomes riscados, insultos esquecidos, n3meros de telefone que j3 n3o ligavam a ningu3m. Ali dentro, o ar era outro. Mais parado. Mais espesso. Era um lugar fora do tempo. Sentou-se de costas contra o muro e fechou os olhos. Por momentos, tudo cessou. O barulho dos carros, os gritos distantes, o latejar da fome. Ficou s3 ele, o seu corpo e o mundo a rodar sem lhe pedir licen3a.

Pensou no av3 Jos3, na maneira como ele se sentava no canto da sala e ficava a olhar o vazio como quem via um filme que mais ningu3m conseguia ver. Lembrava-se do cheiro do casaco dele, entranhado na gola, uma mistura de tabaco e vento. E pensou tamb3m na av3 Em3lia, nas m3os sempre a mexer, a cozer, a remendar, a escamar peixe, a cuidar sem dizer. Eram eles a sua raiz. Eram eles que, mesmo longe, o mantinham inteiro. Porque havia gestos que sobrevivem 3 dist3ncia. E havia amores que se colavam ao corpo como segunda pele.

Ant3nio abriu os olhos. A cidade ainda estava ali. O beco era mais do que sujo.

Mas dentro dele havia um pequeno lugar limpo. Um lugar que ningu3m lhe podia tirar. 3s vezes, Ant3nio pensava no tempo como um animal estranho. N3o como uma linha, nem como um rel3gio, mas como um bicho com pele grossa, que anda devagar e morde quando menos se espera. O tempo n3o curava. O tempo empurrava.

E ele tinha aprendido a andar com ele, não contra ele, como quem caminha ao lado de um cão desconfiado. Havia dias em que o passado lhe batia nos ombros com força, como uma mão a pedir contas. Bastava uma luz, um som, um cheiro, e tudo voltava: o tilintar da colher contra a chávena da avó, o ranger da cadeira do avô quando se sentava depois do trabalho, a sombra das roupas a secar no quintal.

A infância vinha assim, sem avisar, não como consolo, mas como presença. E ele deixava que viesse, não para se prender a ela, mas para lembrar que já tivera um lugar. Não sabia explicar isso a ninguém — que a dor também pode ser uma âncora. Que recordar não é sofrer, é manter-se ligado à parte que ainda não morreu. Por isso não odiava a memória. Carregava-a como se carrega uma pedra no bolso: sente-se o peso, mas também o calor. Caminhava com ela, falava com ela, às vezes até sorria com ela. Porque apesar de tudo, ainda era ela que o impedia de desaparecer por completo. E era essa linha invisível entre o antes e o agora que fazia de António alguém. Alguém que resistia. Alguém que sabia que lembrar também é uma forma de continuar.

António nunca mais voltou a comer carne assada sem sentir a falta do Cardoso. A ausência não era da carne — era do cheiro a pão quente misturado com o perfume da carne a assar no forno da padaria. Aquela fusão antiga, que vivia na vila como uma tradição sagrada. Aos domingos, o cheiro espalhava-se pelas ruas estreitas como uma procissão invisível. Era esse cheiro que lhe dizia: é dia de família. Dia de estar à mesa. Dia de ser inteiro. E agora, no meio da cidade que já não o conhecia, aquele cheiro vinha-lhe de repente, como uma ferida que arde no meio de outra dor.

Lembrava-se da mão da avó a apertar-lhe a dele enquanto desciam a rua para ir buscar a assadeira. Os passos dela, firmes. O olhar dela, sempre em frente. A dignidade na forma como se erguia, mesmo com os tornozelos cansados de tantas manhãs a vender peixe.

E o avô, com os olhos lentos, a fumar à porta de casa, como quem via coisas que ninguém mais podia ver. Aquele homem do mar, que falava pouco, mas contava o mundo com uma história. As histórias dele vinham do fundo das águas, cheias de monstros invisíveis e correntezas traiçoeiras. António ouvia-o como quem escuta um deus.

Era ali, na cama onde se deitavam lado a lado, que aprendeu o medo, o fascínio, o silêncio. Era ali que tudo começava. E era por isso que, aos catorze, quando os dois partiram, ele não ficou. Não era fuga. Era impossibilidade. Era a dor de olhar a mesa sem ninguém. De ver o pão sem o cheiro da carne. O mundo sem eles deixara de fazer sentido.

Depois que partiram, a casa deixou de ter som. Mesmo com as janelas abertas, mesmo com os vizinhos a falarem alto, mesmo com o rádio ainda a debitar fado, tudo soava longe. A ausência dos avós era um barulho surdo que se colava às paredes.

António deixou de conseguir olhar para a mesa. A toalha ainda lá estava, com a nódoa antiga de vinho tinto por cima da flor cor-de-rosa, a marca do prato do avô onde ele deixava sempre um pedaço de pão embebido em molho, como se guardasse o último gesto do almoço.

A cadeira da avó ficou encostada ao armário, virada ligeiramente de lado, como se tivesse sido interrompida. Aquele inclinação de cadeira doía mais do que qualquer fotografia.

E o cheiro, o cheiro da sopa, da roupa acabada de passar, do tabaco amsterdamer do meu avô no quarto — tudo permanecia, como se o tempo se recusasse a aceitar que eles já não estavam.

António deixava-se ficar deitado no chão do quarto, olhos abertos no escuro, à espera que alguma coisa acontecesse. Que a porta se abrisse. Que a voz da avó lhe dissesse: levanta-te, o Cardoso já pôs o forno a aquecer. Mas não havia voz. Só o ranger do armário quando o vento passava pela frincha da janela. Só isso.

Até que um dia saiu. Não com um plano. Com dor. Com saudade a mais. Porque há lugares que, quando perdem as pessoas, deixam de ser lugares — viram fantasmas. E António, ao sair, não fugia de casa. Saía do túmulo da memória. Ia procurar outra forma de continuar a amar.

Era Dezembro. Daqueles Dezembros em que o ar parece morder. O Natal aproximava-se com os sinos partidos e as ruas enfeitadas de luzes que não aquecem ninguém. António dormia no mesmo banco, com o corpo encolhido sob o casaco demasiado fino, e olhava para o prédio em frente como se fosse um ecrã de cinema.

Nas janelas, as famílias começavam a juntar-se. Havia mesas postas, risos abafados, sombras a dançar nas cortinas. Alguns discutiam, outros riam alto demais, outros ainda comiam em silêncio, com o televisor a fazer de companhia. António via tudo.

E em tudo se via. Viu crianças a correr, mãos erguidas com brinquedos novos, mães a chamarem com a voz cheia de orgulho. Viu também velhos sozinhos a erguer copos vazios à memória de alguém. Viu casais frios, obrigados à ceia, e amigos embriagados demais para se lembrarem por que brindavam.

E ali, sentado no seu banco de jardim, com a roupa húmida, os pés dormentes e o estômago vazio, António sorriu. Sorriu porque estava com todos. Porque, naquele instante, fazia parte de todas as histórias, mesmo sem estar em nenhuma.

Passou o Natal com todos — e todos o passaram sem ele. Mas não se sentiu menos por isso. Estava vivo. E havia uma beleza dura nisso. Uma beleza que só quem dorme ao relento entende. E naquela noite, entre o ranger das árvores frias e o vapor da respiração a subir no escuro, sentiu uma espécie de paz. Pequena. Fria. Mas verdadeira. Como um beijo que nunca chega, mas se presente.

Na manhã seguinte, ainda com a névoa do Natal colada aos ossos, António levantou-se do banco com a determinação dos que já não esperam nada. Esticou o casaco com as palmas das mãos, passou os dedos pelos cabelos como quem alisa a alma, e atravessou a rua até ao restaurante com o nome esbatido na lona.

Lá dentro cheirava a fritos, café acabado de tirar e chão acabado de esfregar. O dono, um homem de avental branco e bigode apressado, olhou-o de lado, sem dizer uma palavra. António aproximou-se do balcão e disse, sem desviar os olhos:

— Dê-me trabalho. Uma semana. Se não gostar de mim, manda-me embora. Não precisa de pagar. Só preciso de começar.

O homem ficou parado. Estarrecido. Como se tivesse ouvido uma língua morta a ressuscitar. António não piscava. Não tremia. Só aguardava. O patrão, que se chamava Ribeiro, coçou a cabeça, olhou para o relógio, olhou para o chão, e acabou por dizer:

— Ficas. Para já, ficas.

Foi assim que começou. Sem currículo. Sem perguntas. Sem desculpas. Aos catorze, António era já mais velho do que muitos homens.

No primeiro dia aprendeu onde se guarda o fiambre, a pressão certa para tirar um fino sem espuma a mais, o tempo exacto do forno para derreter o queijo nas francesinhas.

Servia pizzas, cachorros especiais, cervejas, bifanas com molho picante. Corria de mesa em mesa com uma destreza que parecia nascida. E quando o Sr. Ribeiro o viu a trabalhar, soube que não o podia largar. Havia ali qualquer coisa de raro. Uma verdade.

Passaram-se dias. António já sabia o ritmo do almoço, o nome dos clientes mais exigentes, o gesto com que o Sr. Ribeiro pedia mais um fino sem falar. Era rápido, atento, incansável. Não se queixava. Não se sentava.

E quando um dos colegas anunciou que ia embora, o lugar do turno da noite ficou vago. António esperou que o restaurante fechasse, limpou o balcão, lavou os copos, dobrou o pano de prato e dirigiu-se ao patrão. Disse-lhe, com a mesma firmeza da primeira vez:

— Quero o turno da noite. O Sr. Ribeiro olhou-o, surpreendido.

— Não dá. Preciso de ti de manhã. Ao almoço. Aquilo é uma guerra.
E tu dás conta do recado. António nem hesitou.

— O senhor não entendeu. Quero os dois turnos. Faça manhã e noite.

O silêncio caiu como um prato partido. O patrão abanou a cabeça.

— Eu não posso pagar dois ordenados.

António encolheu os ombros.

— Pague-me só as horas extras. O importante é trabalhar.

O Sr. Ribeiro não disse mais nada. Ficou a olhá-lo. Havia naquele rapaz qualquer coisa que desarmava.

Não era a idade, nem a fome de viver. Era o carácter. A verdade que vinha com ele, colada ao suor da testa, às unhas por limpar, aos olhos que não pediam esmola — pediam espaço.

E António ficou com os dois turnos. Trabalhava manhã e noite, como se o cansaço não o quisesse, como se a dor fizesse parte do uniforme. Garantindo almoço e jantar.

Quando o restaurante fechava, o cheiro a gordura ainda dançava no avental. Os colegas saíam pelas traseiras, a rir, a falar alto, a acender cigarros baratos, a planear o dia seguinte. António ficava para trás, a fechar as gavetas, a empilhar cadeiras, a limpar o balcão com precisão de cirurgião. Era sempre o último a sair. Não por gosto, mas por estratégia. Ninguém podia saber para onde ia.

Cruzava a rua, escondido na escuridão das duas e meia da manhã, e dirigia-se ao posto de gasolina. Atrás do edifício, entre bidões e latas de óleo, havia um WC de serviço. Era ali que se lavava.

Abria a torneira do lavatório, deixava a água correr um pouco para perder o frio do cano, depois enfiava as mãos, os braços, a cara, o pescoço, o peito. Molhava a camisa, despiá-se com cuidado, lavava o corpo inteiro em silêncio. Depois lavava as peças de roupa do dia, uma a uma. Deitava sabão líquido nas palmas e esfregava com força, como se limpasse também os restos do mundo que lhe colavam à pele. Esfregava. Torcia. O som da roupa a escorrer lembrava-lhe o mar. Era uma oração de espuma.

E então, com as roupas molhadas dentro de um saco, voltava a atravessar a rua. A lavandaria automática abria vinte e quatro horas. António enfiava as moedas das gorjetas do dia, programava o ciclo, e esperava. Sentado. Cansado. Vazio.

Mas com a roupa lavada. A dignidade também se seca a cinquenta graus. Quando voltava para o banco, a cidade já tinha adormecido. Os candeeiros lançavam sombras compridas e tristes, os passos escasseavam, o vento falava sozinho.

António carregava o saco com a roupa quente contra o peito, como se fosse um animal ferido. Sentava-se primeiro, olhava em volta, depois deitava-se devagar, com o corpo já habituado à madeira fria, às ranhuras do assento que conhecia de cor. Aquilo era o mais próximo de um quarto. O céu fazia de tecto, os ramos das árvores eram cortinas improvisadas, e o banco, com as suas tábuas gastas, sabia mais dele do que muita gente.

Havia noites em que, antes de fechar os olhos, olhava para cima e via um avião a passar. E pensava em todas as pessoas lá dentro, a dormirem com os cintos apertados e os ouvidos entupidos. Pensava em como ninguém imaginava que, cá em baixo, um rapaz de catorze anos também tentava voar. Mas sem asas. Sem bilhete. Sem janela.

E mesmo assim voava, dentro da cabeça, dentro dos sonhos, dentro daquilo que ainda acreditava ser possível. Cobria-se com o casaco, enfiava as mãos nas mangas, apertava os joelhos ao peito. E assim adormecia. Com o corpo gasto, mas a alma inteira. Com frio nos pés, mas calor no olhar.

A rua não tinha almofadas, mas ele sabia onde encostar o pensamento para não doer. E ali ficava, invisível ao mundo. Mas inteiro por dentro. Porque, no fundo, ninguém dorme melhor do que quem não deve nada a ninguém.

Nas folgas, enquanto os outros iam beber café, fumar cigarros e fingir que esqueciam a vida, António desaparecia. Não deixava rasto nem convite. Pegava nas moedas que lhe restavam, contava-as como quem conta segredos baixinho, e metia-se pela rua abaixo até à biblioteca da cidade.

Lá dentro era outro mundo. O cheiro a papel velho, o ranger lento das cadeiras, o silêncio denso como um cobertor sobre os ombros. Era ali que respirava. Os livros não lhe perguntavam de onde vinha, não se

incomodavam com o casaco gasto, nem com o cheiro do sabão barato colado à pele.

Os livros abriam-se para ele como braços. E António entrava. Lia com fome. Lia como quem come depois de dias de jejum. Lia com os olhos, com o corpo, com o peito. Levava livros emprestados como quem leva mantimentos.

E lia à noite, sentado no banco, debaixo da luz amarela de um candeeiro público, o frio colado aos dedos. Lia enrolado no casaco, com as páginas a dançar ao vento. Lia sobre mundos que não conhecia, palavras que não sabia, destinos que o faziam sentir menos sozinho.

E dentro de si, uma ideia começava a crescer. Pequena. Quase imperceptível. Mas viva. A ideia de que um dia também ele poderia escrever. Que um dia as palavras viriam dele. Que a dor podia virar tinta. Que a vida, se bem contada, podia salvar alguém. Talvez até ele próprio. E essa ideia, essa chama, foi o que o manteve de pé nos dias em que o corpo queria tombar. O sonho de escrever. De dar nome ao que não tem nome. De ser, um dia, palavra.

Havia noites em que António, depois do turno, depois da lavandaria, no banco gelado, ainda abria o livro que trouxera da biblioteca. Mesmo com as pálpebras pesadas, mesmo com o corpo a implorar por sono, abria. E lia.

Com o candeeiro público por cima da cabeça a lançar uma luz trémula, como se hesitasse. Lia até o frio lhe subir lentamente pelas costas, até os dedos ficarem rígidos demais para virar a página.

Lia como quem constrói uma casa no meio do deserto. Cada frase era uma tábuas. Cada parágrafo, um tijolo.

E dentro da cabeça de António começava a formar-se um lugar secreto, onde ele já não era apenas o rapaz do avental, o que se lavava no posto, o que dormia na rua.

Era outro. Era aquele que um dia escreveria. Não sabia quando, nem como. Mas sabia. E esse saber era tudo. Era uma fé que não vinha de fora. Vinha de dentro. Vinha do que lhe tinham deixado os avós: a certeza de que o valor de um homem não se mede pelo lugar onde dorme, mas pela verdade com que sonha.

E António sonhava. Não com carros, não com dinheiro, não com uma casa cheia de móveis. Sonhava com um livro. Um livro onde tudo o que sentia pudesse caber. Onde as mãos da avó fossem palavras. Onde o silêncio do avô fosse uma frase inteira. Onde a vida deixasse de ser só memória e passasse a ser nomeada. Nomeada por ele.

Os dias passavam com o peso e o ritmo das marés. António levantava-se antes da cidade acordar. Tomava o seu banho de lavatório como quem cumpre um ritual sagrado. Secava-se com a pressa de quem não tem tempo a perder com luxos. Vestia a roupa ainda um pouco morna da noite anterior, dobrada com o cuidado que só os que não têm gavetas conhecem.

Cruzava a rua e entrava no restaurante como se fosse dono do lugar. O Sr. Ribeiro já não lhe perguntava nada. Bastava um olhar. António já sabia tudo. Sabia quando o molho precisava de mais tabasco, sabia quando um cliente estava a mentir ao dizer que tinha reservado mesa, sabia que toalha usar para não escorregar nas pressas da cozinha.

Era pequeno, mas tinha olhos de quem viu demasiado. Trabalhava com uma rapidez que parecia treino, mas era apenas sobrevivência. E cada intervalo que surgia, fosse dez minutos ou umas quatro horas inteiras entre turnos, ele usava como quem bebe água no deserto.

Voltava à biblioteca. Escolhia os livros com o mesmo critério com que o avô escolhia os anzóis antes de ir para o mar.

Levava dois ou três. Lia um. Devolvia os outros no dia seguinte. Não interessavam. Lia rápido, mas lia fundo. As palavras não lhe passavam ao lado. Entravam-lhe no peito e ficavam. Algumas doíam. Outras curavam.

Mas todas, todas sem exceção, lhe diziam: escreve. Um dia, escreve. E ele, mesmo sem papel, mesmo sem tempo, escrevia por dentro. Em silêncio.

Havia um caderno. Velho, de capa mole, folhas já amarelas. António encontrara-o no lixo, junto a uma paragem de autocarro, encharcado da chuva da noite. Esperou que secasse, depois alisou cada página com o calor das mãos. E começou a escrever.

Não frases inteiras. Não histórias. Fragmentos. Pedacinhos de tudo o que não cabia mais dentro dele. Uma frase da avó, histórias do avô sobre o mar, o nome de um cliente que o tratou com respeito, uma página só com a palavra "fome", escrita três vezes.

Aquilo era o seu livro invisível. Escrevia com uma caneta azul que roubara sem querer à biblioteca. Quando a tinta falhava, molhava a ponta com a língua e continuava. Escrevia no banco, na lavandaria, atrás do restaurante, no WC do posto de gasolina, com a tampa da sanita fechada a fazer de mesa.

Era ali, nesse esconderijo impensável, que nasciam as suas palavras. Fechava os olhos e escrevia como quem reza. Como quem chora sem fazer barulho. Não mostrava o caderno a ninguém. Aquilo era só dele. Era o lugar onde António deixava de ser rapaz e se tornava coisa maior. Uma coisa feita de memória, de frases, de imagens, de dores e esperanças. A vida dele, mesmo sem ninguém saber, já estava a ser escrita. E isso dava-lhe uma espécie de alegria estranha. Não uma felicidade ruidosa — mas uma alegria funda, parecida com a fé. Uma fé de que, um dia, alguém o leria. E perceberia tudo.

Escrever tornou-se uma forma de respirar. Quando o ar lhe faltava, Ant3nio escrevia. Quando o frio parecia querer partir-lhe os ossos, escrevia. Quando um cliente o humilhava com um olhar ou um gesto, escrevia.

Às vezes uma linha s3. Outras vezes, p3ginas inteiras, febris, suadas, tortas. N3o importava. O caderno era o lugar onde ele n3o precisava de se justificar. N3o precisava de ter roupa nova, nem palavras certas, nem explica33es. Era ali que tudo cabia: a inf3ncia com cheiro a peixe, a perda dos av3s, o medo das primeiras noites na rua, o trabalho no restaurante, os olhos de quem o olhava e n3o o via.

E tamb3m o sonho. O sonho de um d3ia escrever um livro com tudo isto. N3o para se vangloriar. N3o para pedir desculpa. Mas para deixar uma marca. Para dizer: aqui estive. Aqui vivi. Aqui resisti.

E a cada palavra escrita, Ant3nio sentia-se menos sozinho. Como se o papel devolvesse o gesto com um abra3o invis3vel. Como se as palavras fossem m3os. Ele nunca tinha dito isto a ningu3m — que queria ser escritor. N3o se dizia uma coisa dessas quando se dorme num banco e se toma banho num lavat3rio p3blico. Mas dentro dele, a certeza crescia. Era uma coisa quente. Uma coisa que n3o pedia licen3a, mas ficava.

E quanto mais escrevia, mais o mundo l3 fora deixava de o engolir. Escrever era tamb3m uma forma de lutar contra o apagamento. De recusar o esquecimento. De existir com for3a. Mesmo sem morada. Havia dias em que o corpo n3o obedecia. Os m3sculos ficavam pesados como se fossem feitos de cimento h3mido. Os joelhos vacilavam. A coluna protestava.

E mesmo assim, Ant3nio levantava-se. Tomava banho com a 3gua gelada do lavat3rio, esfregava as meias com sab3o como quem lava os p3s para uma travessia longa, por vezes, pendurava as roupas para secar na madrugada, esperava, vestia, seguia.